

**Documentos, Cacos Cerâmicos e Fragmentos de Memória:
Os Tremembés Descalços sobre Mosaicos de suas Histórias.**

Jóina Freitas Borges*

Texto apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS,
Seminário Temático *Os Índios na História: Fontes e Problemas*, 15-20 de julho de 2007

Favor citar corretamente!

Resumo: A partir da experiência de uma semana de aula entre professores das escolas diferenciadas indígenas tremembés, quando foi apresentada a dissertação *Sob os areais: arqueologia, história e memória*, este trabalho procura explorar as relações entre a pesquisa em história, seu ensino, a interdisciplinaridade, a sua aplicação no cotidiano e na luta pela demarcação da terra. Uma das questões pertinentes é como o trabalho da academia é recebido pelos descendentes dos sujeitos do processo histórico em estudo, e como eles redimensionam o papel da história nas suas vidas.

Palavras-chave: Tremembés – História – Memória.

Resumé: En prenant comme repère l'expérience d'une semaine de classes parmi des professeurs d'écoles différenciées indigènes tremembés, lorsque la mémoire *Sob os areais: arqueologia, história e memória* a été présentée, ce travail cherche exploiter les relations entre la recherche en histoire, son enseignement, l'interdisciplinarité, leur application dans le quotidien et dans la lutte pour la démarcation de la terre. Une des questions pertinentes est celle de l'accueil du travail de l'academie par les descendants des sujets du procès historique en étude, et la manière comment ils redimensionent le rôle de l'histoire dans leur vies.

Mots-clefs: Tremembés – Histoire – Mémoire.

- Curso Pé no Chão

“[...] Aquelas fotos [...], sobre o sítio arqueológico lá, quando a gente viu, pelo menos eu, eu senti tipo uma saudade de um povo que a gente nunca viu, e que dá vontade da gente buscar mais conhecimento ainda... [...]”.

Maria Andreína dos Santos

* Aluna do Curso de Doutorado em História Social da Universidade Federal Fluminense com o projeto: *Os senhores das dunas: táticas, estratégias e autonomia tremembé nos séculos XVI e XVII*.

A frase em epígrafe foi expressa após uma semana de aulas entre os índios tremembés¹, quando se apresentou a eles a dissertação de mestrado *Sob os areais: arqueologia, história e memória* (BORGES, 2006), cuja problemática de estudo analisa as interpretações de um espaço arqueológico a partir de fontes orais, escritas e arqueológicas. Após defendida a dissertação, surgiu a idéia de apresentá-la aos tremembés, descendentes dos sujeitos do processo histórico em estudo, como disciplina introdutória ao curso de Magistério Indígena Tremembé Superior² a ser ministrado na própria aldeia, localizada no município de Itarema, no Ceará: um “curso pé no chão”, como o chamou o cacique João Venança.

O público alvo foi o de trinta e nove professores tremembés que acabavam de receber o diploma do curso de ensino médio, ministrado na Escola Indígena Diferenciada Maria Venância da aldeia da praia de Almofala, expedido pela Secretaria de Educação do Ceará.

A metodologia da disciplina empregou aulas expositivas, exposições de filmes e fotos, além da análise de documentos e mapas do século XVII, após o que eram feitas discussões e produções escritas em grupos, apresentadas em seguida para debate em plenária. A participação de alunos e convidados (lideranças indígenas tremembés de várias localidades) foi devidamente documentada em vídeo.

A primeira atividade desenvolvida foi a produção de um texto que dissertasse sobre o conceito de história e como eles narrariam a história tremembé. O conceito, fortemente vinculado ao de narrativa e de verdade, foi trabalhado com certa dificuldade, ao contrário da construção da própria história, onde foram enfatizados o espaço, a tradição, a identidade e a escola indígena diferenciada.

A referência ao território foi o ponto comum citado por todos os grupos. Ao se auto-definirem, o território entrou como elemento que compõe a identidade: “Nós tremembé de Almofala, estamos situados no município de Itarema. Nossos antepassados contam que antes dos posseiros chegarem eles habitavam da Serra da Ibiapaba ao Maranhão, vivendo basicamente da caça, da pesca e de frutos”. Eles definem a história tremembé não só pela presença no território, mas também pela luta constante pela terra, “[...] viviam tranquilos até o português chegar [...]” em um território que era “[...] quase todo o litoral brasileiro [...]”.

O espaço territorial foi a categoria mais evocada pelos professores, não somente porque

¹ Segundo dados arqueológicos e documentos escritos (BORGES, 2006), os tremembés ocupavam quase todo o litoral setentrional brasileiro desde aproximadamente o século XIII até o final do século XVII. Eles viviam basicamente da pesca, da caça e da coleta e não conheciam a agricultura. Comercializaram especialmente madeira e âmbar-gris com europeus até o início do século XVIII, quando foram aldeados em Almofala (CE) e Tutóia (MA).

² Ainda não regularizado.

eles estão em processo de luta pela terra, mas também porque a história, sendo uma construção que “instaura” uma realidade, é capaz, também, de definir um espaço social. Se para eles história “[...] é tudo aquilo que aconteceu [...]”, é um “[...] acontecimento real e verdadeiro [...]”, há, portanto, na história que relata a sua posse sobre aquele espaço, a legitimação não só do território, mas também do grupo.

- As construções da arqueologia: o que dizem os cacos

O cronograma das aulas procurou seguir a mesma ordem do projeto de pesquisa da dissertação: a motivação inicial através do sítio arqueológico, a pesquisa bibliográfica, a ampliação das fontes através da história oral e a investigação das fontes escritas sobre os tremembés, utilizando mapas, documentos e relatos de cronistas.

Seguindo a metodologia da disciplina, os tremembés conheceram, através de várias fotos, o sítio arqueológico Seu Bode, localizado no litoral do Piauí, local de uma aldeia tremembé nos séculos XIII ao XVII (BORGES, 2006). Foi analisado não só o sítio, mas também a utilização das fontes arqueológicas na construção da história de povos que não deixaram relatos escritos.

Muitos professores conheciam locais semelhantes ao sítio, ou pelo menos tinham ouvido falar dos mais velhos, mas não sabiam como eram importantes as informações que as “taperas” antigas podiam fornecer através dos estudos arqueológicos: “[...] Aprendi até o significado e a importância que tem o sítio arqueológico, por conta que eu tinha mais ou menos uma idéia, mas eu não sabia que a riqueza era tão grande [...]” (Raimunda Marques do Nascimento).

O pajé Luís Caboclo contribuiu com a sua interpretação sobre as pinturas rupestres, salientando a importância dos vestígios arqueológicos como marcas para a posteridade de culturas que já não existem mais:

[...] Essa nossa tradição, vai chegar um dia em que ela vai se acabar! Vocês vão mudar, vão virar outro povo. [...] É porque vai chegar outro povo aqui no nosso meio, e vai mudar essa cultura, as nossas danças, a nossa tradição. Mas nós vamos deixar escrita [ênfático] pro resto da vida, pra vocês verem a cultura da nossa tradição. É por isso que foi escrito, eles escreveram [os povos que deixaram as pinturas rupestres], e aí tá pro resto do tempo... e quem sabe pra que é? [...] senão quando chegar um certo tempo ninguém sabe mais, as pessoas não sabe mais, não conhece... isso é coisa milenar.

Entre os professores indígenas, a análise do sítio arqueológico centrou-se na descrição dos vestígios, na localização espacial e no nomadismo dos seus ancestrais. Salientaram uma movimentação nas zonas litorâneas, ocorrendo, contudo, trocas com os “parentes” do interior que praticavam a agricultura. É predominante a noção de que seus antepassados viviam basicamente da caça, pesca e coleta de frutas, comungando com as informações arqueológicas.

Recorrente foi a hipótese de abandono do lugar devido à escassez de alimentos. Um dos grupos citou a possibilidade das dunas carregadas pelos ventos terem invadido a antiga aldeia onde hoje se localiza o sítio arqueológico Seu Bode. Há certo consenso de que seus antepassados só saíam dos seus territórios se de alguma forma eles fossem expulsos: “[...] viviam aqui sem perseguição de ninguém [...]”, “[...] viviam tranquilos até o português chegar [...]”. Essas interpretações pautam-se em uma experiência muito próxima que tem fortes conseqüências na história atual dos tremembés. A memória social é marcada por um evento vivido por pais e avós: o encobrimento da igreja e do povoado de Almofala por dunas carregadas pelos ventos.

- Memórias Sob os Areais

A construção da primeira igreja de Almofala deu-se em 1702, era feita de taipa e coberta de palha. Em 1712, iniciou-se a construção de uma igreja em alvenaria em estilo barroco, a qual foi totalmente concluída em 1758. Segundo Souza (1983: 38), a relação entre os tremembés e a igreja se aprofundou a ponto de existir “[...] verdadeira veneração pelas imagens dos santos [...]”. No ano de 1897 uma duna de areia passou a avançar sobre a igreja e parte do povoado. As areias cobriram-na completamente (a igreja) e grande parte do povoado de Almofala. Os tremembés, então, tiveram que migrar para outras regiões.

Quarenta e cinco anos depois, quando o vento passou a deslocar a duna outra vez, a igreja voltou a aparecer. O local do povoado passou a representar um espaço de resistência e de afirmação étnica, pois à medida que o povoado ia sendo descoberto pelas dunas, posseiros “brancos” também ocupavam o lugar, disputando, assim, o espaço com os índios.

Desde 1978, além dos posseiros, eles têm por adversária uma empresa de produtos alimentícios derivados do coco. Esta empresa adquiriu propriedades na região e estendeu seus coqueirais pelas lavouras e quintais dos indígenas. Segundo os tremembés, suas terras foram invadidas por tratores, cercas foram erguidas espremendo-os em locais diminutos, deixando-

os sem condições de realizarem atividades agrícolas. O litígio se intensificou e eles lutam até hoje por suas terras. As cenas da invasão estão presentes na memória dos jovens de hoje, como relata João Evandro Marciano:

[...] Quando eles instalaram, começaram a passar o trator por cima das casa, inclusive a casa que eu morava lá. Eu ainda lembro quando eu era pequenininho ainda, inclusive eu vi quando o cercado do papai tava cheio de roça, o trator foi entrando, por dentro né? Então virava a roça, virava mandioca, depois eles passaram por cima da casa... Tudo aquilo era uma cena [...].

A citação acima fez parte de um dos desabafos catalisados pelo filme *Os Narradores de Javé*, exibido durante o curso. A história dos moradores do fictício povoado Javé, foi associada à deles. Como muitos observaram, a história se repetia, e de alguma forma, o conhecimento tinha que ser aproveitado, para que ela não continuasse se repetindo. João Evandro Marciano observou que a ignorância dos personagens do filme foi um dos fatores responsáveis pela sua derrota e foi logo levantando a seguinte bandeira: “[...] Eu acho mais é que a gente tem que se deter na pesquisa a partir de agora [...]”.

Os jovens professores tremembés fizeram relatos emocionados, como o de Maria Vicença C. Neta:

Eu lembrei que nós também passamos por aquele dito sofrimento. Na época eu podia ter assim uns onze anos, mas eu lembro muito bem do que a gente passou. Tanto que quando eu vejo esses filmes, essas coisas assim, eu fico muito emocionada... Sabe que eu lembro tudo né? Que eu lembro muito bem que veio um recado [...], para os moradores de lá, dizendo que só dava quatro dias pra todos os moradores se retirar. Se não se retirasse durante aquele período, o trator vinha, passava por cima das casas dos moradores [...] Então eu achei parecido a nossa história com a do filme. A diferença é que a do filme teve um final muito triste, o final deles não era pra ter sido aquele, era pra eles ter tido vitória. E nós ainda não passamos por esse problema. Não estamos livres, por quê? Porque nossa terra ainda não está demarcada. Mas nós tem fé, né? Nós acreditamos que o nosso final não há de ser igual ao do filme, há de ser um final melhor.

Em um dos momentos do filme é retratada a “divisa falada”, quando um dos personagens “grita” quais são os limites de Javé, após árdua caminhada em busca da terra almejada. João Evandro Marciano imediatamente fez a analogia com o que acontecia em Almofala, observando:

[...] Da mesma forma, no meu entendimento, aconteceu, por exemplo, aqui com os tremembé. [...] Ou seja, o pessoal dos Patos [uma localidade próxima], os brancos, né? Aqueles outros lá que se diziam ser os donos da terra... Eles também... Quando ele olhava e via a fraqueza de conhecimento dos nativos, então ele dizia assim: [...] aquela área todinha ali pertence agora a mim. E foi isso o que ele fez. Pegou, vendeu toda a área que não era dele, não era dele, era, é da gente, é dos nativos, é tremembé, e aí se apoderou e construiu o que foi construído [...].

O objetivo de apresentar o filme foi o de explorar o valor da oralidade como fonte histórica. Após a exibição e discussão, pediu-se aos tremembés que entrevistassem suas lideranças, de modo a obter mais informações sobre sua história. Nos trabalhos apresentados pelos grupos, foi muito forte a menção à importância de obter esses conhecimentos para fortalecerem a sua luta.

Outro ponto que merece ser ressaltado diz respeito à maneira como eles passaram a valorizar o conhecimento dos mais velhos, das lideranças indígenas, no sentido de ser um conhecimento genuíno para compor a sua história escrita: “Eles nos contam coisas que os livros que já estudamos jamais falam [...]”; “Essas histórias que ouvimos dos mais velhos nos ajudam a fortalecer nossa cultura e também para construir uma história escrita [...]”. Perceberam que muito do que sabiam da própria história vinha dos conhecimentos dos mais velhos: “[...] se não fosse a oralidade dos mais velhos, uma grande parte de nossa história teria sido esquecida [...]”.

Dando seguimento à proposta da disciplina, após o trabalho com as fontes orais foram apresentadas as fontes escritas.

- Indignando-se com os Documentos Escritos

Um dos documentos que gerou maior discussão foi a carta-régia de 1697 que “doava” aos indígenas, em sesmaria, terras situadas na costa entre o Ceará e Maranhão (BIBLIOTECA NACIONAL, 1948).

Após a leitura da carta-régia, Raimundo Henrique dos Santos levantou de sua cadeira e questionou:

[...] Eu imagino é que estas terras eram dos povos indígenas, e por que que o rei tava doando estas terras pra eles? [...] Por que que ele fazia isso? Já que as terras eram nossas, por que o rei tava doando essas terras pra nós próprios? Por que isso?

João Evandro Marciano respondeu ao colega comparando com a sua realidade atual:

[...] A empresa [...], na verdade, ela não chegou assim, espancando de uma vez. Ela chegou do mesmo modo que chegou os colonizadores com relação aos índios tremembés naquela época, né? Então eles chegaram devagar, com calma, botou briga de índios com índios. E se você tiver uma idéia, isso ainda hoje permanece, de forma mais pacífica, mas permanece [...] Eu acho que a gente tá vivendo um desafio, no entanto, parecido com esse desafio que [...] a professora acabou de citar pra gente, né? Isso acontecia nessa época. Eles começaram a convencer as comunidades: “Olha a gente vai... vocês vão ganhar colégio pra estudar, vocês vão ganhar casas pra morar, e vocês vão ser a peça chave [enfático], ou seja, vocês vão ser agora trabalhadores, vocês vão pegar em dinheiro” [fez o gesto com os dedos indicador e polegar] [...].

Segundo Evandro, tanto os colonizadores dos séculos passados, como os empresários de hoje, com suas “doações”, com seus discursos de inserção na “cultura civilizada”, procuraram convencê-los com artimanhas, antes de aplicarem a força física. A sua análise remete às circunstâncias parecidas quando seus antepassados trocavam pau-brasil por facas, foices, e quinquilharias. Na história recente, contudo, os objetos de interesse eram as suas terras e força de trabalho, sendo a moeda de troca os encantos e as facilidades da vida moderna.

Raimunda Marques do Nascimento fechou a discussão aliando passado, presente e futuro:

Eu tô vendo assim: A gente lê documentos de não sei quantos tempos atrás. De muito tempo atrás, um século, dois séculos, três séculos... Aí a gente fica vendo tudo como era. E fica perguntando assim: Esse povo, quem era? Aí foi constatado em tal canto que era tremembé, a pesquisa mostrou isso, era tremembé, era! Os tremembé foram pra onde? Se mudaram. E voltaram de novo! Que somos quem? Somos nós, essa geração nova que tá aqui, que tamo vivendo no cotidiano a mesma situação que os nossos parentes, os nossos antepassados passaram há séculos atrás! Nós tamo aqui! Lutando, apenas passando um filme, né? Voltando [fez sinal de retrocedendo com as mãos]. Pra gente realmente poder rever o que aconteceu, pra poder daqui pra frente a gente ver se nós vamos ter, realmente, força, de darmos continuidade, pra que no futuro essa mesma história seja revista, de novo, como tá vendo agora. E que possa, realmente, ter um futuro assim... Uma vantagem: A gente viu isso, aconteceu isso, e nós mostramos mesmo assim: Quinhentos anos se passaram, passou, e nós tamos aqui! E vai chegando, e mais quinhentos anos, tudo de ruim aconteceu! Mas no meio dessa ruindade toda que aconteceu, a gente continua sobrevivendo.

- Considerações Finais

Os instrumentos lhes foram dados, e em vez de realizarem uma interpretação nostálgica, ou pessimista, no sentido de sempre estarem do “[...] lado errado da história [...]” como colocam Herberich-Marx e Raphael (1985 apud POLLAK, 1989: 9), eles procuraram construir uma história que lhes servisse à luta.

Incitados a analisar sítios arqueológicos, documentos e a questionar as memórias de suas lideranças indígenas, os tremembés observaram as rupturas e as continuidades do processo histórico. Despertaram para uma história que eles próprios poderiam escrever, se livrando das amarras de uma história oficial que não dá espaço para os personagens comuns. Sentindo a tal da “saúde de um povo que a gente nunca viu”, firmaram o compromisso de escrever a própria história, de ensiná-la, eles próprios, a suas crianças.

Se durante alguns anos eles sequer se diziam tremembés, num silêncio que não era esquecimento, mas resistência, gestão de memórias e histórias subterrâneas, agora eles

procuram revalorizar a sua história, enriquecendo-a, a partir do presente, com elementos que remetam à luta atual.

O consenso final foi o de que a história deve funcionar de maneira pragmática, como essa “vantagem” de que falou Raimunda. Vantagem de conhecer o passado, de entendê-lo, de procurar seus pontos de flexão, para que a história seja revista, para que o final não continue o mesmo, como almejou Maria Vicença.

PROFESSORES TREMEMBÉS

Ana Cristina Cabral
Ana Lúcia Jacinto
Claudevanda dos Santos
Elardo Alves Lisboa
Francisco Cabral M. Júnior
Francisco Elisnaldo de Sousa
Jacinta Santos Silva
Janete Sousa Miranda
João Evandro Marciano
José Getúlio dos Santos
José Robério Guilherme
Luiz Henrique dos Santos
Manoel Apolinário Félix
Manoel Xavier do Nascimento
Márcia Maria Matias
Maria Andreína dos Santos
Maria Aurilene Holanda
Maria Aurineide Pequeno
Maria da Conceição Moura
Maria das Graças Moura dos Santos
Maria Gilsa do Nascimento
Maria Joelma Félix
Maria Liduína dos Santos
Maria Lucélia Jacinto
Maria Lucilene Martins Santos
Maria Neide Teles
Maria Piedade dos Santos
Maria Vicença da C. Neta
Maria Vilca dos Santos
Raimunda Marques do Nascimento
Raimundo Eudes dos Santos

Raimundo Felix
Raimundo Henrique dos Santos
Rita de Cássia Siqueira
Rita Félix Jacinto
Rocilene Barbosa dos Santos
Rosa Helena
Rosângela Reinaldo Siqueira
Sebastião Ovildo dos Santos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Anais da Biblioteca Nacional*. Livro Grosso do Maranhão, 1647-1745. v. LXVI. Rio de Janeiro, 1948. (Documentos diversos).

BORGES, Jóina Freitas. *Sob os areais: arqueologia, história e memória*. Teresina: UFPI, 2006. (Dissertação de mestrado digitada).

OS NARRADORES de Javé. Direção: Elaine Caffé. Produção: Vânia Catani e Bananeira Filmes. Brasil: Lumière e Riofilme, 2003. 1 dvd 100 min.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SOUZA, Maria Bruhilda Telles de. *Mitos e símbolos na migração praiana: o caso de Almofala*. Fortaleza: UFC, 1983. (Dissertação de mestrado digitada).